

## IRRACIONAIS QUE RACIOCINAM: PSICOLOGIA POLÍTICA DE PARETO

João Paulo Leite Cabrera Pereira da Rosa \*

### 1. INTRODUÇÃO

Vilfredo Pareto, filho de Raffaele Pareto e Marie Méténier, nasceu em Paris em 1848. Na ocasião seus pais viviam na França, pois Raffaele Pareto, por ser mazziniano<sup>1</sup>, fora expulso da sua terra natal. Por conta de uma anistia decretada nos anos 50 a família Pareto regressou a Itália tendo Vilfredo realizado então seus estudos secundários. Posteriormente concluiu sua formação escolar na Universidade Politécnica de Turim.

Era época de grande efervescência política, que vai do *Risorgimento*<sup>2</sup> até a unificação da Itália em 1870. A formação intelectual de Pareto se dá num período de grandes revoluções sociais na Europa. Formado em engenharia trabalhou na área chegando a ser diretor de uma companhia de estrada de ferro. No entanto, voltou-se para o estudo da economia, da sociologia e da política. O contexto histórico de sua época, seu trabalho e formação intelectual, sem dúvida contribuíram para formulação de suas principais idéias e teorias.

Apesar de ser conhecido como conservador por ter criado a teoria da circulação das elites<sup>3</sup> e ser constantemente associado ao fascismo italiano, Pareto teve em sua vida alguma postura liberal, desvelando críticas a diversos intelectuais sobre a negligência da sociedade e a preponderância do Estado em seus estudos (Rodrigues: 1984). Esse é o ponto que nos chama a atenção, Pareto fala de relações de poder e sua conservação e ao mesmo tempo pouco fala de Estado, prende-se apenas na relação do sujeito e a sociedade. Isso é marcante em sua obra. Pareto correlaciona o fenômeno subjetivo e objetivo no indivíduo e por meio da ação dos indivíduos explica as relações de poder na sociedade, ficando o Estado em plano secundário. Ao estudar os fenômenos sociais, considera sempre dois aspectos da ação humana, o objetivo, como se apresenta na realidade, e o subjetivo, como se apresenta ao espírito humano. Contudo, para Pareto, ambos são subjetivos. Demonstrando a ênfase do subjetivismo em sua teoria.

*“Não devemos nos enganar com os nomes dados a estes dois tipos (objetivo e subjetivo). Ambos são, na realidade, subjetivos, pois todo*

*conhecimento humano é subjetivo, e eles se distinguem não por uma diferença de natureza, mas por uma soma mais ou menos grande de conhecimentos de fato” (Pareto: 1984).*

Hoje muito se especula sobre quem era Vilfredo Pareto. Um fascista, um conservador, um abnegado cientista? José Albertino Rodrigues chama a atenção para um excerto da carta que Pareto enviou ao seu amigo Antonucci, em dezembro de 1907, contendo o que pode se considera como seu auto-retrato intelectual:

*“Meus sentimentos me conduzem a essa independência individual que teve certo tempo o nome de liberdade. Eu tinha cerca de dezesseis anos quando tive ocasião de ler dois autores de concepções opostas: Bousset<sup>4</sup> e Bastiat<sup>5</sup>. O primeiro me desagradou extremamente; o segundo satisfez plenamente minhas convicções, as quais eram contrárias àquelas das pessoas no meio das quais vivia; eu posso dizer, portanto, que essas idéias não foram adquiridas, mas decorriam do caráter que eu tinha desde meu nascimento”. (...)* Em 1868 eu tinha vinte anos e podia acrescentar a razão aos meus sentimentos. Parecia-me, então, como a todo mundo, que minhas convicções eram fruto do raciocínio, e eu não percebia que ele não passava de uma tentativa de dar uma aparência lógica àquilo em que, de qualquer maneira, minhas convicções me obrigavam a acreditar” (Citado por Rodrigues: 1984)

Pareto nos fala de seus sentimentos e de sua racionalidade. Na verdade, considera que suas convicções não eram racionais, eram aparências lógicas, ou seja, eram justificativas racionais para algo irracional que não era logicamente explicável. Pois, para ele, era tendência do homem transformar a *ação não-lógica* em *ação lógica*. Esse realce do subjetivismo das ações humanas nos remete ao caráter psicologista que tenta empregar nas Ciências Sociais. *“A psicologia é evidentemente, o fundamento da Economia Política e, de modo geral, de todas as Ciências Sociais”* (Pareto: 1984).

O que chamamos a atenção é que nos estudos dos fenômenos sociais que Pareto descreve, a ação não-lógica ganha importância nas relações sociais ao comportar uma psicologia política do indivíduo que tenta persuadir ou exaltar sentimentos em outros indivíduos.

## 2. A CIÊNCIA LÓGICO-EXPERIMENTAL.

Ao abordarmos o pensamento de Pareto acerca de seus estudos sociológicos, principalmente no *Trattato Generale Sociológico*, publicado em 1916, temos que nos remeter a sua concepção de ciência. Pareto almejava uma ciência neutra e experimental. Experimental porque se torna necessário relacionar o fenômeno subjetivo, o fato teorizado, com o fenômeno objetivo, o fato experimentado/observado, para não correr o risco de construções inexatas. E neutra no sentido da ciência servir a si mesma, de não ser dogmática nem preocupada em dar receitas ou de buscar a felicidade e o bem do homem. "(...) o objetivo nesse caso é exclusivamente científico; quer apenas conhecer, saber e basta" (Pareto: 1984). Para Pareto, a ciência não tem uma utilidade prática direta, apenas a de conhecer a verdade (realidade).

Aron nos explica que para Pareto *"a ciência implica uma atividade de espírito que é a recriação"*.(Aron:2002). Dessa forma, a acuidade pressuposta no experimental está intrinsecamente relacionada com a visão de ciência inacabada. Ou seja, a ciência está relacionada com a referência que se faz à realidade. E a imagem que temos da realidade é apenas aproximada. A ciência é como uma pessoa que só conhece um objeto por meio de um desenho. De acordo com os pressupostos da ciência de Pareto, Aron descreve que *"a ciência é experimental porque se aplica ao real e refere a ele como origem e critério de todas as proposições"* (Aron: 2002) Entretanto, essa abstração que realizamos da realidade se restringe no tempo e nas experiências que então, nos são conhecidas.

Através dessa noção, a de que não podemos conhecer um fenômeno concreto e nem todas suas particularidades, podemos entender o processo utilizado por Pareto no seu método de pesquisa. Primeiramente distingui diferentes partes para estudá-las separadamente e em seguida as reúne para obter uma síntese. No entanto, nunca encontramos toda a realidade, mas apenas uma parte dela, uma parte aproximada.

Em suma, Pareto define ciência como lógico-experimental que se propõe a estudar as uniformidades que os fenômenos apresentam, ou seja, suas leis. Sendo assim, as ações humanas comportam certas uniformidades e são, portanto, objeto de estudo científico.

### 3. OS QUATRO GÊNEROS DAS AÇÕES NÃO-LÓGICAS

As ações humanas possuem inúmeras variações. Pareto vai tentar ordená-las e classificá-las. Inicialmente, imagine um indivíduo chegando e entrando na sala, aproxima-se de uma cadeira, pedindo licença e sentando-se fazendo ainda alguns movimentos para se ajeitar. Diria-se que ele agiu educadamente, pois (ele) “deve agir assim” (ou) porque é o costume. Agora imagine o indivíduo que projetou e construiu a cadeira, ele sabia o que ia construir e o material que teria que utilizar para que uma pessoa ao se sentar não caísse. Assim sendo, o indivíduo dito “educado”, sentou-se à cadeira - que o outro indivíduo projetou e construiu - e não caiu.

Pareto teria dito que o indivíduo que projetou e construiu a cadeira produziu uma ação lógica. Na sua própria definição, ações lógicas são:

*“(...) as operações que estão logicamente associadas a seus objetivos, não só com relação ao sujeito que as efetua, mas também com relação àqueles que possuem um conhecimento mais amplo, isto é, ações que têm, subjetivamente e objetivamente, o sentido acima explicado.”<sup>6</sup>*

Dessa maneira, o indivíduo que projetou e construiu a cadeira, concebeu logicamente, a princípio, uma relação meios-fins na sua consciência que é a realidade subjetiva, projetando assim a cadeira. Depois empregou uma ação na realidade objetiva, aplicando a mesma relação meios-fins produzida na realidade subjetiva, sendo o fim objetivo igual ao fim subjetivo. Então, o indivíduo associou logicamente os meios aos fins, uso tal material para construir uma cadeira que agüente uma pessoa sentada. Na realidade objetiva o fim está logicamente associado ao meio. A cadeira resiste uma pessoa sentada porque o material da cadeira suporta realmente uma pessoa sentada. Dessa forma, o fim objetivo, uma cadeira que agüente uma pessoa sentada é igual ao fim subjetivo, uma cadeira que agüente uma pessoa sentada.

Contudo, Pareto iria no dizer que o indivíduo “educado”, produziu uma ação não lógica. Esse indivíduo não teria raciocinado sobre os seus atos. Mas ao ser perguntado porque o fez, teria nos dado uma justificativa racional. Isso acontece, segundo Pareto, devido à tendência que tem os seres humanos de darem uma justificativa racional para uma ação irracional. Aqui é onde se constrói o que chamo de “Paradoxo de Pareto” onde, na verdade, os homens são seres irracionais que

racionam. Na maior partes das vezes tentam dar uma aparência lógica para ações que não são lógicas.

Para sabermos se uma ação é uma ação não lógica empregamos a observação dos fatos e da lógica, quando um indivíduo relaciona os meios aos fins. Mas essa relação não é resultado de um raciocínio lógico. Cabe ressaltar que ações não lógicas não significam que elas sejam ilógicas. Segundo Pareto, as propriedades dos sentidos expressos pelas palavras não podem ser buscadas na etimologia. Deve, as palavras, ter correspondência clara com a realidade bem definida. Na verdade, não está preocupado com as palavras, ele afasta as discussões sobre elas da ciência. Para Pareto, tanto fazia chamar de ações lógicas e não lógicas como chamar de X e Z, ou P e Q, ou racional e irracional. *“Abandonaremos os nomes e olhemos as coisas”* (Pareto: 1984)

Ele afasta também os leitores que buscam na ciência utilidade, pois pretende não usar suas palavras para produzir sentimentos ou influenciar o espírito do leitor. Seu objetivo é científico, e, portanto, a busca da verdade. Talvez por isso, Pareto se encaixa nas fileiras dos autores malditos, que encontravam satisfação em vender poucos volumes de sua obra ao invés de vender muitos. Ele chega a ser irônico em suas obras ao enfatizar esse seu objetivo.

*“Mas nesta obra não busco convencer ninguém; procuro simplesmente as uniformidades dos fenômenos. Aqueles que tiverem outro objetivo encontrarão dificilmente uma infinidade de obras que lhes darão plena satisfação; não tem necessidade de ler essa obra”.* (Pareto: 1984)

Enfim, Pareto queria produzir uma ciência lógico-experimental, e dessa maneira não precisava usar as palavras para produzir sentimentos, ou dar utilidade à ciência. Além do mais, para Pareto, poucas pessoas teriam capacidade ao pensamento lógico-experimental. Portanto, quem sabe ele não quisesse ser pouco lido, pois eram poucos que poderiam ler sua ciência lógico-experimental, e para não ser usado como utilidade ou para produzir sentimentos, como acabou para alguns autores sendo conhecido ao ser relacionado ao fascismo.

Muitos acreditam na relação de Pareto com o fascismo. Porém, essa proposição se mostra inviável se levamos em conta suas obras, pois em certo momento acabaria por contradizer aos seus próprios princípios de não produzir

sentimentos por meio da ciência, pelo menos ele não utilizaria a sua visão científica, principalmente suas concepção de elites, ao serviço de um pensamento, pois estaria lhe dando uma utilidade, a de uma elite forte que afaste o perigo do socialismo. Pelo menos nesse aspecto, de dar por meio de seus estudos, justificativa para o fascismo.

Enfim, voltando às ações não-lógicas, não querem dizer que não tenham raciocínio lógico. As ações estão quase sempre misturadas, sendo uma ação em grande parte não-lógica e em uma pequena parte lógica, ou vice-versa. Por isso que Pareto classifica as ações não-lógicas subdividindo-as em gêneros e assim podemos perceber graus de ações não lógicas que comportam por vezes partes lógicas. Para isso reconstruímos um gráfico de Pareto<sup>7</sup> que se encontra reproduzido no livro do Aron.

Pareto divide as ações não lógicas como se colocasse os graus de "lógica" das ações. O gráfico parte da pergunta que faz tanto no objetivo quanto no subjetivo: as ações têm fim lógico? Desse modo, no primeiro gênero, as ações seriam totalmente não racionais, pois a resposta sobre o fim lógico seria negativo tanto no objetivo, quanto no subjetivo. Estariam relacionadas a algumas formas de cortesia e costumes. No objetivo, o fim lógico não estaria logicamente associado ao meio e no subjetivo, o ator não conceberia na sua consciência uma relação lógica entre meio e fim.

Na reconstrução que proponho do gráfico de Pareto, partindo do exemplo do primeiro gênero que se configuraria pela resposta não-não, ao invés de se perguntar se a ação tem um fim lógico no objetivo e no subjetivo, se perguntasse no objetivo se o fim da ação está logicamente associado ao meio, e no subjetivo, perguntaríamos se o ator concebeu na sua consciência uma relação lógica entre meio e fim. Segue-se abaixo o quadro original do Pareto seguido do novo quadro proposto. Não no sentido de rever o quadro desenhado pelo autor, mas de trazer melhor entendimento.

QUADRO ORIGINAL

Gêneros e espécies	Ações têm fim lógico?	
	Objetivamente	Subjetivamente
<p>1º Classe – ações lógicas</p> <p>O fim objetivo é idêntico ao fim subjetivo</p>		
	Sim	Sim
<p>2º Classe – ações não lógicas</p> <p>O fim objetivo é diferente do fim subjetivo</p>		
1º gênero	Não	Não
2º gênero	Não	Sim
3º gênero	Sim	Não
4º gênero	Sim	Sim

NOVO QUADRO PROPOSTO. Perguntas que se deve fazer:

*Na realidade objetiva:* o fim da ação está logicamente associado ao meio?

*Na realidade subjetiva:* o ator concebeu em sua consciência uma relação lógica entre meio e fim?

#### AÇÃO NÃO-LÓGICAS

	<i>Realidade OBJETIVA</i>	<i>Realidade SUBJETIVA</i>
<i>1º gênero</i>	<i>O fim não está logicamente associado ao meio, não existe vínculo lógico.</i>	<i>O ator não com concebe uma relação meios-fins.</i>
<i>2º gênero</i>	<i>O fim não está logicamente associado ao meio, não existe vínculo lógico.</i>	<i>O ator concebe uma relação meios-fins</i>
<i>3º gênero</i>	<i>O fim está logicamente associado com o meio.</i>	<i>O ator não com concebe uma relação meios-fins.</i>
<i>4º gênero</i>	<i>O fim está logicamente associado com o meio.</i>	<i>O ator concebe uma relação meios-fins</i>

O primeiro gênero, o gênero “não-não”, trata-se de ações determinadas por cortesia ou costumes. Seria como numa situação em que o homem desconhecido entra no elevador e lhe diz “bom dia”. Nessa hipótese o fim na realidade objetiva que seria você responder o cumprimento dizendo “bom dia” também, não está relacionado com o meio que é ele dizer “bom dia”, ou seja, não existe vínculo lógico. Tanto você poderia ter dito “bom dia” primeiro quanto poderia só ter dado um aceno com a cabeça positivamente. É como algo automático, nem o ator da ação concebeu uma relação lógica entre o meio (dizer bom dia) com o fim (você responder bom dia). É uma questão automática resultada de costume ou cortesia. Tão automático que é possível, se estiver muito distraído, dizer bom dia um pouco antes mesmo de abrir a porta do elevador e não ter ninguém lá, disparando o “bom dia” como algo automático, é uma ação alógica.

O segundo gênero, seguindo a colocação de Aron por meio do quadro de Pareto, o gênero “não-sim”, é quando, por exemplo, numa tribo um grupo de índios dança num ritual para chamar a chuva. Nesse caso, o ator da ação, o índio, concebe uma relação meios-fins na sua consciência, a realidade subjetiva, se eu dançar para os deuses (meios) os deuses enviarão a chuva, vai chover (fins). No entanto, na realidade objetiva, supondo que nesse dia chova, sabemos que a chuva (fins) não está logicamente associada aos meios, a dança dos índios.

No terceiro gênero ou gênero “sim-não”, são como nos casos de reflexos, tal como quando fechamos os olhos para evitar que areia trazida pelo vento cai neles. Os fins, evitar que a areia trazida pelo vento entre nos olhos, está vinculada logicamente com os meios, fechar os olhos. Contudo, na realidade subjetiva, ou seja, na nossa consciência não concebemos uma relação meios-fins, trata-se simplesmente de um reflexo automático dos olhos, uma reação do corpo.

Finalmente, no quarto e último gênero, o gênero “sim-sim”, por meio do seguinte exemplo: imagine um revolucionário que pretende derrubar um regime constituído por uma aristocracia e que quer trazer igualdade, um governo de todos. Este revolucionário conceberia na realidade subjetiva, sua consciência, uma relação meios-fins, vou derrubar o governo atual através da revolução (meios) e trazer a liberdade e o governo de todos (fins). Enquanto isso, na realidade objetiva, os fins estão logicamente associados aos meios, fazendo a revolução (meios); eles derrubam o governo, entretanto, não trazem o governo de todos e sim uma ditadura ou uma nova aristocracia (fins). Por conseguinte, as duas realidades, tanto objetiva quanto

subjetiva, tem lógica. O que faz dessa ação alógica? É o simples fato de o fim lógico da realidade subjetiva não coincidir com o fim da realidade objetiva. O governo de todos e o governo de uma nova aristocracia.

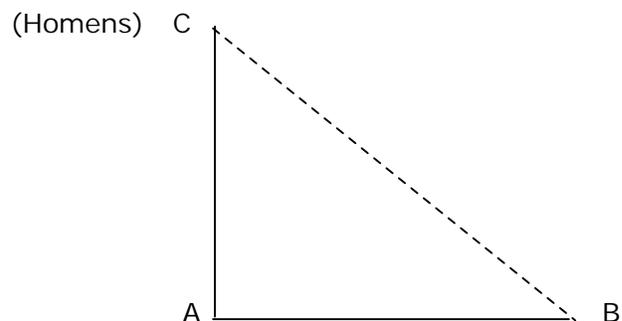
#### 4. PSICOLOGIA POLÍTICA ATRAVÉS DE RESÍDUOS E DERIVAÇÕES

E qual seria a importância dessas ações não-lógicas no entendimento do fenômeno social? O estudo sociológico de Pareto tenta apreender como o indivíduo utiliza o processo lógico ou pseudológico a fim de convencer outro homem. É justamente na análise de dois conceitos chave na teoria de Pareto, resíduos e derivações, que podemos compreender uma psicologia política que pretendemos evidenciar. Pois, por meio de resíduos e derivações, os indivíduos, principalmente nos atos políticos, tentam persuadir, convencer ou exaltar sentimentos a fim de convencer outro homem. *“A teoria das derivações de Pareto é uma contribuição à psicologia das relações interpessoais e intergrupais no domínio da política”* (Aron: 2002).

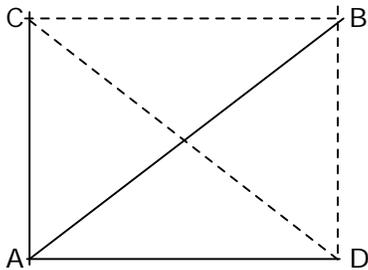
As ações não-lógicas possuem origem num determinado estado psíquico, mas os homens querem fazer crer que os atos possuem origem em expressões de sentimentos, tais como as teorias morais e religiosas.

(Animais) A————— B

Assim, Pareto, descreve que nos atos B de um animal quaisquer, estão hipoteticamente ligados ao seu estado psíquico A. No entanto, esse estado psíquico não se manifesta somente nos atos B, nos homens, ele se manifesta também com expressões C de sentimentos, demonstrando o primado do estado psíquico. *“A conduta dos homens é motivada pelo seu estado psíquico, ou por seus sentimentos, muito mais do que pelas razões que invocam”* (Aron: 2002)



Portanto, no gráfico das ações humanas, a linha cheia representa as relações diretas e as linhas tracejadas representam as relações indiretas. Num determinado ato D de um indivíduo nós temos as seguintes relações:



Onde A é o estado psíquico (sentimentos); B representa os resíduos; C representa as derivações e D representa os atos. Derivações seriam essas construções racionais dos indivíduos para dar uma aparência lógica as ações, seriam justificativas teóricas ou como as ideologias. Já os resíduos seriam expressões de sentimentos ou nas palavras do próprio Pareto:

*“É preciso ter o cuidado de não confundir os resíduos (a) com os sentimentos, nem com os instintos aos quais correspondem. Os resíduos (a) são a manifestação de tais sentimentos ou instinto, como a elevação do nível de mercúrio é, num termômetro, a manifestação de um aumento de temperatura.”<sup>8</sup>*

Para tornar a linguagem mais clara traremos um exemplo que utiliza o livre-cambismo citado pelo próprio Pareto. O livre-cambismo é uma política econômica que propõe a redução de barreiras alfandegárias na circulação de produtos entre os países, ou seja, a liberdade do comércio. Essa definição seria em termos muito gerais a teoria ou justificativa racional do livre-cambismo, que graficamente está representado pela letra C, as derivações; O estado psíquico, a letra A, corresponde aos interesses econômicos, políticos e sociais dos indivíduos; Os atos representados pela letra D seriam a própria adoção do livre-cambismo e a expressão dos sentimentos A, os resíduos, representados no gráfico pela letra B, seriam a crença no livre-cambismo.

Dado essa situação Pareto pressupõe que tendemos a explicar D por meio de C e B por meio de C e isto se dariam num erro de avaliação. *“Portanto, é grave erro querer julgar o valor social de uma religião somente pelo valor lógico e racional de sua teologia”*<sup>9</sup>

Dessa forma, ainda no exemplo do livre-cambismo, imaginemos a Inglaterra no século XIX em seu debate sobre as Corn Laws<sup>10</sup>. Após vencer a guerra contra Napoleão os ingleses adotaram práticas protecionistas como as Corn Laws, só derrubadas em 1846 no ministério de sir Robert Peel. Teríamos explicado a adoção do livre-cambismo por meio da mudança da teoria então protecionista para de livre-cambismo, ou seja, faríamos uma relação direta entre a nova teoria livre cambista e a adoção do livre-cambismo. Ou talvez fosse nossa tentativa explicar a crença no livre-cambismo pela força de sua racionalização de sua teoria C, como resultado de sua mudança. *“A crença e as ações são, é verdade, independentes, mas sua dependência consiste em ser como dois ramos de uma mesma árvore”*<sup>11</sup>

Na verdade, segundo Pareto, as relações diretas só se dão entre A e B, A e C e A e D. Quando os sentimentos e interesses do inglês, num dado momento, muda, ele percebe o protecionismo de forma diferente, agindo os sentimentos sobre a teoria, a crença e o ato e esses recorrendo aos sentimentos produzem a mudança na sociedade.

*“Assim, a história das instituições sociais tornou-se a das derivações e, freqüentemente, de simples vanilóquios; acreditou-se fazer a história das religiões fazendo a das teologias; a história da moral, fazendo a das teorias morais; a história das instituições políticas, fazendo a das teorias políticas”*<sup>12</sup>

Dessa forma, sua teoria sociológica das ações não lógicas se caracteriza por uma psicologia política onde o indivíduo tenta exercer sua vontade, ou seja, persuadir (derivações) ou exaltar sentimentos (resíduos) a fim de dar uma aparência lógica a defesa de seus interesses ou sentimentos (estado psíquico).

---

<sup>1</sup> Seguidores das idéias de *Giuseppe Mazzini* (Gênova, 22 de maio de 1805 — Pisa, 10 de março de 1872) político e revolucionário do movimento italiano chamado *Risorgimento*.

---

<sup>2</sup> O *Risorgimento* é o período da história italiana ao fim do qual se deu a *unificação italiana* sob a *Casa de Sabóia* (1861), com a anexação ao *Reino da Sardenha*, da *Lombardia*, do *Vêneto*, do *Reino da Duas Sicílias*, do Ducado de *Módena e Régio*, do Grão-Ducado da *Toscana*, do Ducado de *Parma* e dos *Estados Pontíficos*.

<sup>3</sup> Teoria criada por Pareto para mostrar o processo de circulação das elites, da onde se tira uma das suas frases celebres “a história é um cemitério de aristocracias”.

<sup>4</sup> Orador sacro e historiador (1627-1704), a maior expressão ideológica do “século de Luís XIV”.

<sup>5</sup> Economista francês (1801-1850), defensor do livre cambismo e autor das *Harmonies économiques*.

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> *Traité de sociologie générale*, pp.67-68.

<sup>8</sup> Citação de Pareto retirada do livro: ARON, Raymond. *As Etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> Trata-se da discussão acerca do protecionismo inglês sobre a importação de trigo estrangeiro pela Inglaterra. Como defensor do livre-cambismo internacional, David Ricardo foi um dos grandes defensores da importação e do livre-cambismo, contrariando conservadores como Malthus.

<sup>11</sup> Citação de Pareto retirada do livro: VILFREDO PARETO: *SOCIOLOGIA*. José Albertino Rodrigues (Org). São Paulo: Ática, 1984.

<sup>12</sup> Idem

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

---

ARON, Raymond. As Etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Grynszpan, Mario. Ciência, política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. 256p.

MIGUEL, Luis Felipe. A democracia domesticada: bases antidemocráticas do pensamento democrático contemporâneo. *Dados*. 2002, vol. 45, no. 3, pp.483-511.

PARETO, Vilfredo.(1909). Manual de Economia Política Trad. port. São Paulo, Abril Cultural, Col. "Os Economistas", 2 volumes, 1984.

PARETO, Vilfredo and S. E. Finer. *Sociological Writings: selected and introduced by S.E.Finer; translated by Derick Mirfin --*. New York, Praeger [1966].

RODRIGUES, José Albertino Rodrigues (Org). *Pareto*. São Paulo: Ática, 1984.

SOUZA, Nelson Melo. Dialética do Irracionalismo : Pareto e seu confronto com Marx. Rio de Janeiro, RJ : Editora Nova Fronteira, 1985.

RESUMO: O artigo pretende demonstrar que nos estudos dos fenômenos sociais desenvolvido por Pareto, a ação não-lógica ganha importância nas relações sociais ao comportar uma psicologia política do indivíduo que tenta persuadir ou exaltar sentimentos em outros indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Pareto, psicologia política, derivações, resíduos, fenômenos sociais, ação não-lógica.

\* Mestrando em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política/UFRJ pelo Edital Pró-Defesa (Consórcio Rio de Janeiro).

e-mail: [jpcabrera@ufrj.br](mailto:jpcabrera@ufrj.br)